

Número da Fita: 0018

Título: Entrevista com Sebastião do Nascimento

Mídia: 8 mm

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:00	02:33	Imagem, em plano americano, do sr. Sebastião.	Martha pergunta de onde veio a família do sr. Sebastião. Ele disse que morou em Perequê até dois anos de idade, depois a mãe e o padrasto foram para Mambucaba. Trabalhavam na roça e com a pesca.			
02:34	04:00	Idem.	Martha pergunta se a mãe falava de seus avós. Ele disse que os avós (maternos) moravam na região do “Baixadão”. Sobre a mãe, conta que teve dois filhos com seu pai e mais outros 5 filhos com o seu padrasto. O primeiro filho de sua			

			<p>mãe, seu irmão mais velho (nome não identificado), tem 65 anos. Ele e o sr. Sebastião nasceram no Baixadão. Sua bisavó materna chamava-se Berta e possuía roça naquela região.</p>			
04:01	08:22	Idem.	<p>Sobre o avô materno, sr. Sebastião lembra que sua mãe dizia que ele mexia com macumba. A mãe de sr. Sebastião faleceu com 68 anos, ele tinha 40 anos na época. Martha pergunta se ela contava histórias de escravos e ele nega. Ele lembra de uma guerra antes da década de 1940 em que a polícia foi atrás dos jovens da região e o seu avô mandou que eles se escondessem para não serem pegos.</p>			
08:23	11:30	Idem.	<p>Nesse momento sr. Sebastião fala do parentesco com a família do sr. Rosau. Diz que seu pai era tio do sr. Zadir.</p>			

			Ele diz que não tem mais ninguém da sua família morando no Perequê, mas lembra de uma tia que ficou na região de “Fortaleza”.			
11:31	13:04	Idem.	Martha fala do jongo. Ele diz que era o seu pai que gostava. Sobre o pai, conta que morava na Boa Vista junto com uma irmã, Dilurdes, e que convivia com ele, apesar de morar com a mãe em Mambucaba. Diz que tinha contato com a família do pai, mas não conheceu seus avós paternos. Seu pai tinha roça em Boa Vista.	JO		
13:05	15:45	Idem.	Conta que vivia separado de seu pai, mas se encontravam no jongo. Diz o nome do pai: Manuel Lucio da Conceição; comenta que o seu sogro tem o mesmo nome do pai. Lembra que o jongo era realizado na casa do irmão do Zadir, o sr. Cruz e a sua esposa,	JO		

			D. Dolores. Esta era tia da esposa de sr. Sebastião. Revela que todos eram parentes. Diz que começou no jongo com 17 anos, aproximadamente, e se casou com 20 anos.			
15:46	17:53	Idem.	Diz que lembra do jongo desde criança; nas festas “tudo era jongo”. Comenta que hoje o jongo é moderno e fala das diferenças entre este jongo e o de antigamente. Fala do canjenguê (caixote) que não existe mais e da quantidade de pessoas que entram na roda.	JO		
17:54	20:06	Idem.	Fala que no jongo se amarra uma pessoa e dá um exemplo que aconteceu com ele mesmo. Numa roda de jongo sua sogra botou um ponto: “você sabe que pinica dói, pra quê que você pinicou?”. Diz que estava no canjenguê com o pai enquanto a sogra	JO	Sr. Sebastião explica muito bem o que significa “amarrar” no jongo. Boa e imagem e bom som.	

			<p>botava o ponto, e conta que a roda “pegou fogo” e todos cantavam: “pra quê você pinicou?”. Logo então, veio um tio seu e percebeu o intento da sogra, que o desamarrou sem que o sr. Sebastião soubesse do que estava acontecendo.</p>			
20:07	22:25	Idem.	<p>Ele conta que na época de São João, Santo Antônio e São Pedro se fazia mais o jongo. Fora essas datas era mais difícil fazer o jongo porque precisava de um motivo que fizesse com que o pessoal do sertão viesse para Mambucaba. Ele responde que em 13 de maio não se fazia jongo naquela época. Lembra que criança não participava, jongo era coisa de adulto.</p>	JO		

22:26	25:05	Idem.	<p>Martha pergunta se tinha muita gente nas rodas de jongo e ele confirma. Lembra alguns jongueiros: Julio Maria, Sebastiana, Pedro Lima, Tia Luiza, Laude, Cruz, Dolores, Julia e Bernardo. Diz que eram parentes. Comenta que alguns parentes foram embora para Itaguaí e também para Angra dos Reis.</p>	JO		
25:06	29:24	Idem.	<p>Conta como chegou em Mambucaba e como conseguiu o terreno da sua casa. Diz que o dono das terras se chamava Paulo Dinisor, dono da lancha Sul Fluminense que fazia o trajeto Mangaratiba – Paraty. Este deu o terreno para sua sogra Julia, que passou para o sr. Sebastião. Ele conta que toda sua família mora perto dele.</p>			

29:25	31:00	Idem.	<p>Martha pergunta quem eram as pessoas mais velhas do jongo, ele, então, lembra do Julio Maria, tio de seu pai, e do sr. Cruz, irmão do sr. Zadir e dono da casa em que se fazia o jongo. Conta que este morreu em Mambucaba com 110 anos, aproximadamente. Sobre as festas, ele lembra que quem não era jongueiro ia para o baile.</p>	JO		
-------	-------	-------	--	----	--	--

31:01	40:31	Idem.	<p>Martha pergunta o que é ser jongueiro e ele responde que jongueiro é quem sabe botar ponto. Ele diz que onde tiver um jongueiro ele é criança e explica um ponto de jongo: “tanta chuva que choveu na goteira não pingou”, significa que estão pedindo pinga para beber (usa a expressão “correr o litro”). Conta que Julio Maria morava na Boa Vista e era irmão de Benjamim - padrinho do sr. Sebastião. Lembra que Pedro Lima, jongueiro famoso, foi quem o desamarrou do ponto que a sogra colocou para ele no jongo. Logo em seguida ele fala, espontaneamente, do calango explicando as diferenças e as aproximações entre as duas manifestações.</p>	JO, CA	<p>Informações importantes sobre jongo e calango. Boa imagem e bom som. No momento em que o sr. Sebastião fala sobre o calango ele se entusiasma e chega a se emocionar. Canta alguns versos de calango também.</p>	
-------	-------	-------	--	--------	---	--

40:32	47:35	Sr. Sebastião sai do foco em alguns momentos.	Sr. Sebastião diz que o jongo e o calango acabaram em Mambucaba, mas o Délcio está trazendo de volta. Lembra que seus tios também faziam festa de Reis. Diz que os cantadores de Reis também improvisavam versos, como no jongo e no calango, de acordo com determinados elementos encontrados nas casas, mas não saiam da letra do Reis (chega a dar um exemplo). Fala que nem sempre uma mesma pessoa participava de todas essas manifestações. Lembra que os tambores eram de Benedito Cruz.	FR	Informações importantes sobre Folia de Reis.	
47:36	48:15	Sr. Sebastião em plano americano.	Fala sobre a demora e as dificuldades em fazer os registros de nascimento antigamente.			

48:16	53:38	Idem.	Explica uma brincadeira chamada “cerração do velho”, que acontecia todo ano na mesma data. Martha pergunta se havia outro divertimento em Mambucaba e ele lembra do carnaval.			
53:39	1:00:25	Idem.	Martha pergunta de Folia e ele diz que festejavam em janeiro porque era a data certa. Fala de tradição e critica novamente o jongo de hoje em dia. Diz que o jongo fora de época é jongo “arranjado”, não é original.	FR, JO		
1:00:26	1:02:03	Idem.	Martha pergunta se existia outra igreja e ele nega, afirma que todos eram católicos. Ele diz que se “arrepia” com a modernidade.			

1:02:04	1:14:40	Idem.	Thiago pergunta se o pai do sr. Sebastião contava alguma coisa sobre os avós paternos, ele diz que não porque morava longe de seu pai. Já sua mãe contava dos pais dela, Silva e Berta. O nome de sua mãe era Georgina Berta da Conceição. Lembra da mãe dizendo sobre o pai dela, que este era bom de feitiço e era “negão”, mas ela não sabia fazer reza. Lembra da morte de Cruz e diz que Mambucaba perdia uma relíquia com o falecimento deste.			
1:14:41	1:17:10	Idem.	Martha pergunta se existe cemitério de escravos em Mambucaba e ele nega. Pergunta, então, se havia fazendas e ele comenta da existência de casarões: fazenda do Palmital, do Pau Preto e do Baixadão (onde seus avós maternos moravam).	FA		

Legenda dos temas	Equipe de decupagem
Jongo – JO Memória do tráfico – MT Quilombo – QL Calango – CA Memória da África – MA Memória da escravidão – ME Folia de Reis – FR Campesinato Negro – CN Fazendas – FA	Camila Marques Camila Mendonça Edmilson Santos Eric Brasil Luana Oliveira Luciana Leonardo Matheus Serva Rejane Celeste Thiago Campos